

## A ARTE DOS CARREGADORES DE PIANOS



No dia 8 de janeiro de 2012, foi publicado no Blog do Braga (<http://www.bragamusician.blogspot.com>) artigo intitulado "A Arte dos Carregadores de Pianos, sob a Ótica de Lima Júnior" (que está sendo reproduzido abaixo neste Portal), discorrendo sobre uma atividade muito comum durante o primeiro meado do século XX: a dos carregadores de pianos —, uma modalidade do comércio ambulante daquela época —, com o seu canto característico: as suas toadas ritmadas e cadenciadas. O escritor, jornalista e músico Francisco Braga revisita a página célebre de Félix Lima Júnior, um historiador e etnógrafo maceioense que se debruçou diligentemente sobre essa manifestação folclórica e colheu essas evidências da persistente influência negra sobre a identidade cultural brasileira.

### ***A Arte dos Carregadores de Pianos, sob a Ótica de Lima Júnior***

***Por Francisco José dos Santos Braga***

Folheando as páginas da ***Revista Itaytera***, órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, nº 10, correspondente aos anos de 1965 e 1966, quando era presidido por José Alves de Figueirêdo Filho, deparei-me com curioso artigo publicado nas páginas 177-182. Além do seu cunho nitidamente musical, "*Mudança de Pianos*", de Félix Lima Júnior, logo despertou o meu interesse pelo que tem de estudo etnográfico.

O que guia o etnógrafo é uma técnica proveniente das disciplinas da Antropologia Social, que consiste em observar e analisar a atividade das pessoas sem que estas necessitem explicar o seu trabalho, extraindo daí conclusões importantes acerca de fatores sociais e organizacionais. O trabalho do etnógrafo, diferentemente do profissional de processos e de sistemas, é mais rico e complexo. Uma das características do trabalho do primeiro é que ele acredita que as pessoas em estudo são competentes na realização do seu trabalho e tudo o que tem a fazer-se é descrever como as pessoas se comportam, e não como deveriam comportar-se. As pesquisas realizadas pelo etnógrafo são o resultado de grande quantidade de informação, através de apontamentos, gravações de áudio e vídeo. Por isso, um estudo etnográfico consome muito mais tempo do que as técnicas de identificação de requisitos mais comuns, como as entrevistas.

ROCHA (2001), que selecionou, apresentou e organizou os artigos que compuseram "***Maceió de Outrora***", volume II, de Lima Júnior, assim se expressou na sua Apresentação: "(...) *Reside aqui a preciosidade da obra deste escritor curioso que tanto se aproxima da linguagem etnográfica: no detalhamento do cotidiano, na busca pelo dado direto, de primeira mão, mas que não descuida da investigação junto a outras fontes: jornais, por exemplo, fotografias, folhetos publicitários de campanhas políticas, documentos. Etnógrafo no estilo e na curiosidade. Intuitivo na metodologia. Grandemente afeito às observações diretas, Félix Lima Jr. manteve-se sempre atento a objetos que somente na segunda metade do século XX ganharam expressividade com a chamada nova história cultural, uma história antropológica, atenta a uma história das mentalidades, dos odores, da moda, dos comportamentos enfim, que*

*informam as realidades culturais de sujeitos inseridos num tempo e num espaço específicos."*

EDMUNDO (1932), poeta, jornalista, redator, repórter, correspondente e, especialmente como cronista do passado, pesquisando o porquê do desenvolvimento da mentalidade colonial carioca e de suas antigas características urbanas, retratou, nos seus 83 anos de existência, as muitas mudanças que presenciou no plano político, econômico e sócio-cultural da Cidade do Rio de Janeiro e do País. Em "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis (1763-1808)", ele dedica 10 capítulos da obra aos aspectos da cidade e das ruas. A rua colonial, de acordo com o cronista carioca, era "movimentada e alegre, coalhada de negros, de padres e de mendigos", apinhada de lojas e fétida. No capítulo IV, faz-se espectador da "multidão bulhenta, desencabrestada e feliz" que pelas ruas circulava, dando o relato de alguns hábitos, práticas e costumes curiosos, como os que se seguem:

*"(...)Passam negros agora portadores de um enorme e pesadíssimo tonel amarrado em tramas de corda e pão. Cantam. À frente vae o capataz erguendo, na mão direita, o ruidoso maracá animando os homens do esforço, marcando, com solennidade e importancia, o rythmo syncopado da marcha e da toada cheia de melancholia e de tristeza:*

*Maria, rabula, auê*

*Calunga auê.*

*Vão passando.*

*Vago, longe, cortando o crystal da manhã illuminada e azul, de repente, outro cantar que se escuta, quiçá ainda mais triste e mais monotono, como que vindo das bandas do céu. Há quem pare escutando. Ha quem se persigne e espere. Ha quem abale em direcção à litania mysteriosa, com a molecagem das ruas a gritar: Nosso Pae! Nosso Pae! Nosso Pae! (...)"* <sup>1</sup> Vem, a seguir, a descrição da passagem do Santo Viático, com destino à Igreja da Candelária, em perfeito contraste com o quadro anterior do transporte do tonel.

Permiti-me citar o trecho do livro de Luiz Edmundo para mostrar a semelhança desse texto com o que vai relatado pelo maceioense Lima Júnior, com exceção de que, no primeiro caso, se trate do transporte de um tonel, e não de pianos.

Transcrevo abaixo, portanto, o referido artigo de Lima Júnior, respeitando a sua grafia de época, esperando que seja de interesse dos pesquisadores, historiadores e cientistas sociais.

## **MUDANÇA DE PIANOS**

### **Félix Lima Júnior** <sup>2</sup>

Na Folha da Manhã, de Recife, de 17 de março de 1947, o saudoso jornalista Mário Mello <sup>3</sup>, estudioso de tudo quanto se refere a Pernambuco, e, especialmente à sua formosa e progressista capital, escreveu um tópico sobre o transporte de pianos, há vinte anos passados, que era realizado por seis ou oito "ganhadores", marchando ao som de uma canção ritmada.

Um amigo do ilustre jornalista da terra de Nabuco indagara quando desaparecera, no Recife, o costume de pianos serem assim transportados, pois de 1930 em diante passaram a ser conduzidos em possantes caminhões americanos, principalmente.

Nesta capital, até o ano citado, a mudança de pianos era feita, quase que obrigatòriamente, por "ganhadores" ou diaristas.

Havia grupos ou turmas especializadas, de seis ou oito homens, conforme o caso, sob a direção de um deles, espécie de mestre, chefe ou capataz, que contratava a mudança e dirigia o serviço, assumindo a responsabilidade. Tiravam o piano da casa com todo o cuidado, punham-no à cabeça, sob rodilhas de pano (muitas vezes o próprio paletó, à falta de coisa melhor...) e, a um sinal do chefe, inciavam uma espécie de marcha militar, passo cadenciado, "para tornar o pêso mais maneiro", diziam no Recife; "para não desafinar o instrumento", ouvi dizerem muitas vezes em Maceió.

Lá vem o piano! — gritavam um menino ou uma doméstica. As janelas e calçadas se enchiam. Todos queriam assistir à passagem do préstito e ouvir o canto característico.

Um jornalista da terra do tio Sam, hospedado no Hotel Central, no Recife, conversava com Mário Mello, em 1930, tendo à mão uma pequena máquina fotográfica, quando interrompeu a conversa, sem explicações, deu um pulo para o meio da Avenida Manoel Borba e, na esquina da rua das Ninfas, tirou fotografias de um brupo de homens conduzindo um piano à cabeça. Quando êles passaram, o jornalista pediu, então, desculpas ao seu colega brasileiro e explicações ao mesmo tempo, pois aquele meio de transportar pianos era inédito para êle.

Mário Mello, que tinha boa memória musical, como escreveu, recordou-se da música e da letra de uma dessas canções ritmadas, fornecida por êle, há vinte anos, a Mário de Andrade, para o seu folclóre:

Meu barco é veleiro,

Nas ondas do má,

Eu vou embóra, eu vou embóra,

Meu bem me mandou chamá, Iaiá...

Com essa mesma letra ouvi, quando menino, muita gente dançar o esquecido e desaparecido "côco", indispensável então em todas as festas, principalmente no Natal, dança da qual pouca gente se recorda em nossos dias, apesar de ser alagoana nata.

Em Casa Grande e Senzala registrou Gilberto Freire: "Os pianos não se carregavam outróra sem que os negros cantassem:

É o piano de ioiô,

É o piano de iaiá!...

No livro *Inglêses no Brasil*, o sociólogo transcreveu outra cantiga de carregadores de piano:

Não se pesca mai de rêde,

Não se pode mai pescá,

Que já sube da notiça

Que os ingrês comprou o má.

Dos grupos de carregadores de pianos de Maceió <sup>4</sup>, um dos melhores organizados trabalhava sob a chefia do Carvão de Pedra (Wenceslao Moisés da Costa), falecido em 1943. Dêsse grupo restam ainda algumas figuras, sendo a principal o Peroba (Firmino José dos Santos), com "ponto" na calçada da Despensa Familiar, à rua do Comércio, redsidindo no Pinheiro, próximo ao quartel do 20º Batalhão de Caçadores. Outras — Manoel Aviador, Antônio Santos, Francisco André — repousam em sepulturas sem epitáfio nos cemitérios da nossa capital.

Peroba, a meu pedido, forneceu cópia de várias canções, das que êle e o grupo de que era figura de destaque cantavam, quando mudavam os pianos:

Mãe Maria chorou!

É de zombaria!

Mãe Maria chorou!

É de zombaria!

Pilão pisa o milho!

É pilão gonguê!

Pilão pisa o milho!

É pilão gonguê!

Róla o páo, róla o páo!

Dinrim, dandô, dinrim, dandô!

Róla o páo, róla o páo!

Dinrim, dandô, dinrim, dandô!

Olha o tóco no caminho,

Alevanta o pé!

Olha o tóco no caminho,

Alevanta o pé!

Navio chegô na barra,

Afundô!

Navio chegô na barra,

Afundô!

Moleque,

Abra o ôlho, finca o pé!

Moleque,

Abra o ôlho, finca o pé!

Rolinha,

Fôgo pagô!

Rolinha,

Fôgo pagô!

O páo rolou, caiu!

La na mata ninguem viu!

O páo rolou, caiu!

La na mata ninguem viu!

Outro grupo bem organizado e preferido por muita gente, para a mudança dos pianos das "sinhasinhas", era chefiado pelo Torquato, ganhador que merecia especial confiança de grande parte do comércio desta capital, e cujo "ponto" ficava na Despensa Familiar, já citada. Torquato, identificado facilmente pelo grande bigode que usava, apesar de ser homem pobre, de origem humilde, simples diarista, muito estimado.

Iaiá, dondon,

Este côco é bom,

É bom, é bom,

Iaiá Dondon.

Outra canção que Mário Mello conservou:

Zomba, minha nêga!

Zomba, meu sinhô!

Quem quizé se embarcá,

Trem de ferro já chegô!

Iaiá...

E aqui está outra, ouvida em Maceió e que me foi fornecida pelo ilustre e saudoso desembargador Augusto Galvão, há uns seis anos passados:

A água é para se beber,

O ferro para se engomar,

Abre alas, minha gente,

Que o piano quer passar!

Lembro-me de uma, creio que a mais simples e preferida por isso mesmo, ouvida, há muito tempo, nesta capital:

João Criôlo,

Maria Mulata!

João Criôlo,

Maria Mulata!

E de uma variante:

João Criôlo,

Maria Mulata!

Vestido de renda,

Pulseira de prata!

e de outra:

Eu também vou,

Apanhar maracujá!

Eu também vou,

Apanhar maracujá!

Gemeu, gemeu,

gemedô!

Gemeu, gemeu,

gemedô!

E esta, que é apenas uma espécie de toada:

É de zombaria!

É de zombaria!

É de zombaria!

Em agosto de 1950, quando se comemorou, no Teatro Santa Isabel, em Recife, o primeiro centenário do nascimento do grande abolicionista e político José Mariano, seu filho, o poeta Olegário Mariano, da Academia Brasileira de Letras, pronunciou conferência, na qual citou toada popular dos carregadores de piano "de que todos os recifenses do começo do século terão certamente guardado no ouvido a ressonância como um perdido acalanto:

Olelê, vira a moenda,

Olelê, moenda virou,

Eu estava em Beberibe

Quando a notícia chegou.

Mataram Zé Mariano,

O comércio se fechou.

Mas a notícia era falsa

Graças a Deus Nosso Sinhô.

Olelê, vira a moenda,

Olelê, moenda virou".

Em "Segismundo no carnaval", publicado no suplemento literário do Jornal do Comércio, de Recife, de 16 de janeiro de 1966, registrou Tomás Seixas:

"Acabaram-se os pianos e os carregadores de piano que iam do Recife até Caxangá com o bruto de um piano na cabeça e cantando:

Iaiá não me diga adeus,

Olhe que eu vou embarcar,

O vapor entrou na barra,

O telegra deu siná..."

Em 29 de agosto de 1953 passava eu, de ônibus, pela rua 26 de Abril, no Poço, quando encontrei na esquina daquela artéria com a rua Inácio Calmon, seis homens conduzindo um piano à cabeça. Não cantavam. O instrumento pertencia a uma viúva... Piano de viúva, conforme a tradição, é conduzido em silêncio...

Seis homens passaram, na rua Saldanha da Gama, no Farol, na tarde de 10 de junho de 1950, levando um piano e cantando:

É de zombaria!

É de zombaria!

Pelo mesmo bairro, na rua Comendador Palmeira, no dia 14 de junho de 1956, pela manhã passou outro piano carregado por seis homens, que cantavam, apenas para marcar o passo:

Fogo pagô!

Fogo pagô!

Três anos depois, pela rua Angelo Neto, assisti à passagem de outro grupo de seis ganhadores, conduzindo um piano de côr preta, cantando apenas e monotonamente:

João Criôlo,

Maria Mulata!

João Criôlo,

Maria Mulata!

Foi a última vez que vi piano transportado em cabeças de homens de ganho, na simpática capital alagoana.

## NOTAS DO AUTOR

<sup>1</sup> EDMUNDO, Luiz: "**O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis (1763-1808)**". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932, p. 46-47.

<sup>2</sup> Félix Lima Júnior nasceu em Maceió em 6 de março de 1901 e faleceu na mesma cidade em 10 de junho de 1986. Estudou as primeiras letras em escola pública estadual e os preparatórios no Liceu Alagoano. "*Sem curso de formação superior, nos deixou rico legado descritivo sobre um sem-número de aspectos da Maceió da primeira metade do século XX, tornando-se um cronista de sua época, indispensável leitura para todos os que quiserem se debruçar em qualquer tempo, sobre a Maceió daquele período*", sentenciou Rachel Rocha, a



organizadora de "Maceió de Outrora", vol. II, de Lima Júnior, na Apresentação do livro. Ele trabalhou no Serviço do Algodão, foi funcionário do Banco do Brasil, onde ingressou por concurso em 1927, tendo chegado a gerente. Tomou posse como membro do IHG de Alagoas em 1954 e da Academia Alagoana de Letras em 1957. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico de Pernambuco e da Comissão Alagoana de Folclore, bem como sócio benemérito da Sociedade Montepio dos Artistas Alagoanos e sócio honorário do Instituto Histórico, Etnológico e Folclórico de Tucuman - Argentina. Colaborou com jornais e revistas maceioenses e de outras cidades brasileiras como o Recife e o Rio de Janeiro. Dentre suas inúmeras obras, destacam-se as seguintes: Festejos Populares de Maceió de Outrora (1956), Tipos Populares de Alagoas e Uma Tragédia Alagoana (1958), História dos Teatros de Maceió (1961), Delmiro Gouveia, o Mauá do Sertão Alagoano (1963), Igrejas e Capelas de Maceió (1965), Fortificações Históricas de Maceió (1966), Irmandades (1970), Episódios da História de Alagoas e A Escravidão em Alagoas (1975), Maceió de Outrora, vol. I (1976), Última Execução Judicial no Brasil (1979), As Emboladas do Chico Barbeiro, Dois Maestros Alagoanos e Memórias de minha Rua (1981), Piriquitis: contos e Cemitérios de Maceió (1983), Maceió de Outrora: Obra póstuma, v. II, texto selecionado, apresentado e organizado por Raquel Rocha, Maceió, EDUFAL, 2001. Segundo a supracitada organizadora deste segundo volume de "Maceió de Outrora", Rachel Rocha, ele consiste em 23 artigos em duas partes: "Cenas urbanas da Maceió no início do século XX" e "Manifestações políticas na Maceió pré- e recém-republicana". As fotografias e ilustrações constituem a terceira e última parte desse segundo volume, chamada "Paisagens urbanas da Maceió na primeira metade do século XX".

<sup>3</sup> Mário Carneiro do Rego Mello nasceu em 5 de fevereiro de 1884, no Engenho Barbalho. Advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife, jornalista (colaborou com quase todos os jornais do Recife de sua época), historiador, geógrafo, filatelista, numismata e autor de mais de 50 livros e incontáveis artigos de interesse dos historiadores, deixou sua marca em defesa de Pernambuco, amante que era do seu folclore, do seu carnaval, do seu frevo e das suas tradições. Seu "ex-libris" como escritor ostentava orgulhosamente a divisa "Omnia pro Pernambuco" (Tudo para Pernambuco). Além de tocar vários instrumentos de sopro, foi também exímio violonista e bom pianista, tendo composto várias peças musicais, entre as quais o conhecido dobrado "Tiro 333". Pertenceu a várias instituições e associações literárias, entre as quais se destacam o IAHG de Pernambuco, a Academia Pernambucana de Letras, a Federação Carnavalesca Pernambucana, a Universidade Popular do Recife, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, as Sociedades Geográficas de Lima, Havana e Washington, a Academia Internacional de História, a Comissão Nacional do Folclore, além de Institutos de História e Geografia espalhados por todo o Brasil. Faleceu em 24 de maio de 1959.

<sup>4</sup> Félix Lima Júnior trata mais extensamente dos carregadores de pianos em Maceió, no livro **Maceió de Outrora** (1976). RAFAEL (2004), estudando a presença dos negros na historiografia alagoana, refere-se "*à contribuição inestimável de Félix Lima Júnior, cronista alagoano que reuniu, no livro intitulado **Maceió de Outrora**, uma série de artigos sobre os costumes e hábitos da população maceioense, no começo do século passado, de onde se podem recolher alguns dados, ainda que incipientes, sobre a atuação dos negros na capital alagoana. Mais recentemente outras crônicas desse autor foram reunidas em obra póstuma, com o mesmo título, vindo aumentar o já consistente e variado conjunto de sua produção, cuja importância para essa pesquisa deve-se ao fato dele ter nascido em 1900 e assim ter podido acompanhar in loco alguns dos principais fatos por ele narrados. A consulta desse material torna-se, portanto,*

*indispensável a quem pretenda reconstituir alguns aspectos pitorescos, históricos e sociais da Maceió do começo do século XX. (...)*

*O primeiro dos trabalhos citados de Félix Lima Júnior, **Maceió de Outrora**, Vol. I divide-se em duas partes: 1) Os costumes, a etiqueta e a moda; e 2) Paisagens e aspectos da cidade. Neste segundo tópico, encontramos informações relativas às atividades econômicas desenvolvidas por negros em Maceió, os quais as praticavam num espaço quase exclusivo da cidade, no caso, as ruas do centro da cidade, ou para ser mais preciso, a rua do Comércio. Na esquina com a antiga rua do Açougue, no lugar conhecido como Quatro Cantos, onde antes existiam marcos de pedras utilizados para assinalar as entradas dos becos, instalava-se uma variada gama de negros africanos e brasileiros, à espera de algum tipo de serviço:*

*Encostados nos 'frades' (...) colocados nos Quatro Cantos, vadios, engraxates, ganhadores e diaristas: Zé Molequinho, Chico Bonzinho, João Laurindo (...) Joaquim Pedro, Sebastião, Zé Broa — vitimado em plena rua por um colapso quando conduzia um piano, ajudado por cinco companheiros —, Nicolau — italiano, engraxate de profissão —, Pedroba (Francisco José dos Santos). Todos chefiados pelo Torquato (...). Cantavam, queriam irritar o Carvão de Pedra (Wenceslau José da Costa), em pé, do outro lado da rua:*

*A ponte de Jaraguá*

*Foi feita de geringonça*

*Bacalhau é comer de negro*

*E negro é comer de onça. (...)*

*Sabe-se pela crônica local que esta era uma atividade comum entre os homens livres das principais capitais do país, e que depois de extinta a escravidão, foi assumida pelos remanescentes desse sistema econômico, os quais não encontram outra atividade compatível com sua capacidade física, senão o trabalho braçal desenvolvido nas estivas da zona portuária, ou no serviço de transporte de móveis e utensílios domésticos pesados no centro da cidade. Há quem afirme que, no exercício dessa atividade, algumas canções eram executadas com a finalidade de cadenciar o movimento dos operários; depois, as mesmas tornaram-se de domínio público. (Em nota de rodapé: Sabe-se pelas estatísticas criminais divulgadas entre os anos de 1909 e 1911, período em que foram divulgados dados acerca da filiação, idade, profissão, cor e endereço dos detidos, a maior parte deles levava a vida como ganhadores e que, entre os negros, essa era a profissão predominante.) (...)*

*Já Félix Lima Júnior fala dos amoladores de canivetes, facas e tesouras, serviço em grande parte oferecido por italianos com seus apitos estridentes, os quais também eram os tocadores de realejo; do vendedor de papagaios (...); dos moleques de pés descalços que apregoavam à porta dos teatros o afenim, dedinho, broa de goma, tapioca de eucalipto, bloas de eucalipto, de goiaba e de mel de abelha; do vendedor de leite tirado em frente das casas dos clientes; e ainda dos vendedores de galinhas e de perus, de coco verde, de sorvete, e, principalmente do sururu (...).*

*Contudo, a variedade desse comércio ambulante que maior repercussão teve em Maceió, no período em questão, parece ter sido a da venda de quitutes, desenvolvida em grande parte por mulheres negras (...)."*

## BIBLIOGRAFIA

BARROS, Francisco Reynaldo Amorim. *ABC das Alagoas*, verbete *Lima Júnior, Félix*, Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal, 2005.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis (1763-1808)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932, 549 p.

LIMA JÚNIOR, Félix. *Maceió de Outrora*, vol. II (Coleção Nordestina). Rachel Rocha (org.). Maceió: EDUFAL, 2001.

RAFAEL, Ulisses Neves. "*Presença dos negros na historiografia alagoana: o discurso do silêncio*", artigo disponibilizado na Internet e considerado pelo autor parte da tese de doutorado intitulada: "Xangô rezado baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912", defendida por ele em 2004 na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Francisco José dos Santos Braga** é compositor e pianista, nascido em São João del-Rei, MG. Aí fez seus primeiros cursos de Solfejo, Ditado, Teoria Musical e Piano no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier. Na mesma cidade graduou-se em Letras em 1971 pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (atual UFSJ- Universidade Federal de São João del-Rei).

Em São Paulo, deu continuidade a seus estudos acadêmicos e musicais. Em 1983 obteve seu grau de Mestre em Administração pela EAESP-FGV. Simultaneamente, prosseguiu seus estudos musicais com o Maestro Souza Lima (piano) e Sérgio O. de Vasconcellos Corrêa (composição).

Em Brasília, de 2002 a 2008, cursou bacharelado em Música, com concentração na área da Composição, na UnB, onde foram seus mestres os compositores Conrado Silva e Jorge Antunes. Na mesma ocasião, participou dos Cursos Internacionais de Verão promovidos pela EMB-Escola de Música de Brasília, tendo como professores os compositores Oscar Edelstein (Argentina), Christopher Bochmann (Inglaterra/Portugal), Jorge Antunes e Gilberto Mendes (Brasil), além do professor de piano Sergei Dukachev (Rússia).

Mantém atualizado o Blog do Braga ([www.bragamusician.blogspot.com](http://www.bragamusician.blogspot.com)), um locus de comunicação com lusófonos interessados nos temas cultural, musical, literário, literomusical, histórico e genealógico. Além disso, colabora com artigos para o Blog São João del-Rei ([www.saojoaodel-rei.blogspot.com](http://www.saojoaodel-rei.blogspot.com)).

Participa ainda, como Membro, de várias instituições no País, para as quais escreve ensaios, crônicas e artigos, cabendo destacar as seguintes:

- SBME-Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica (2º Tesoureiro)
- Colégio Brasileiro de Genealogia, Rio de Janeiro
- Academia de Letras de São João del-Rei
- Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei
- Instituto Histórico e Geográfico de Campanha-MG
- Academia Valenciana de Letras (Valença-RJ)
- Instituto Cultural Visconde do Rio Preto (Valença-RJ)
- Fundação Oscar Araripe (Tiradentes-MG).

Também é colaborador ativo de importantes sites dedicados a temas culturais, cabendo mencionar os seguintes:

- [www.saojoaodelreitransparente.com.br](http://www.saojoaodelreitransparente.com.br)
- [www.concertino.com.br](http://www.concertino.com.br)
- [www.csdp.salesianos.br](http://www.csdp.salesianos.br)